



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



## **As perspectivas feminista e agroecológica no empoderamento de agricultoras do semiárido brasileiro**

*Use of feminism and agroecology perspectives in the women peasants empowerment in the Brazilian semiarid*

FERREIRA, Ana Paula

Actionaid Brasil - [www.actionaid.org.br](http://www.actionaid.org.br) - [ana.paula@actionaid.org](mailto:ana.paula@actionaid.org)

### **Tema Gerador: Mulheres e Agroecologia**

#### **Resumo**

Este artigo traz um estudo de caso realizado com duas organizações, Casa da Mulher do Nordeste e Centro Sabiá, ambas com atuação no Sertão do Pajeú, Semiárido de Pernambuco. O artigo ressalta que a perspectiva agroecológica é importante para a vida das mulheres agricultoras. Todavia, não é suficiente para que a desvalorização e a invisibilidade do trabalho produtivo e da função social das mulheres sejam suficientemente problematizadas. Destaca a importância da abordagem feminista se agregar a perspectiva agroecológica no empoderamento das agricultoras.

**Palavras chaves:** feminismo; agroecologia; Pernambuco.

#### **Abstract**

This article presents a case study of two organizations, “Casa da Mulher do Nordeste” and “Centro Sabiá”. Both works in the semiarid context, in Pernambuco State. Despite the importance of agroecology in the female work, the study remarks the current stage of women exclusion and invisibility in the social life. It is necessary to better understand the causes of this situation, highlighting the importance of the feminist perspective for the agroecology approach, resulting in female peasant empowerment.

Key words: feminism; agroecology; Pernambuco.

#### **Introdução**

Este artigo procura abordar a aproximação entre as perspectivas feminista e agroecológica como fator de empoderamento das mulheres rurais brasileiras, tomando-se como base o trabalho desenvolvido pela Casa da Mulher do Nordeste (CMN) e o Centro Agroecológico Sabiá (Sabiá), que atuam no Sertão de Pernambuco.

Ao longo dos últimos 30 anos, a Agroecologia vem demonstrando potencial de abrir espaços para que as mulheres agricultoras enfrentem sua condição de vulnerabilidade e conquistem mais poderes nas esferas pessoal, produtiva, familiar e política. Apesar disso, o trabalho na perspectiva agroecológica, por si só, não é suficiente para que a desvalorização e a invisibilidade do trabalho produtivo e da função social das mulheres sejam suficientemente problematizadas (FERREIRA, 2008).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



O diálogo entre agroecologia e feminismo torna-se fundamental para o enfrentamento político e científico de dilemas vivenciados pelas mulheres no meio rural (SILIPRANDI e CINTRÃO, 2011).

As organizações que tem na agroecologia sua estratégia central vêm incorporando o incentivo e apoio para inserção crescente das mulheres agricultoras na agroecologia. Por sua vez, as organizações feministas, especialmente aquelas que atuam no âmbito rural, vêm incorporando a perspectiva agroecológica como uma prioridade para sua atuação.

### **Material e métodos**

A escolha da Casa da Mulher do Nordeste, do Centro Sabiá, das agricultoras assessoradas por estas organizações e do território do Pajeú compõem o *estudo de caso* desta investigação que pretende ser um “exemplo ilustrativo” de um processo em curso no Brasil, onde as interações entre organizações feministas e agroecológicas possibilitam uma maior problematização do importante lugar das mulheres nos processos de desenvolvimento sustentável.

Foram utilizadas diversas ferramentas, como entrevistas semiestruturadas, análise de documentos, participação em atividades de formação, visitas de campo, caminhadas guiadas, cadernos de campo e registros fotográficos. Foram 41 entrevistados/as ao total, ao longo de dois anos, agricultoras, técnicas e técnicos de ONGs, gestores de agencia de cooperação, professores/as e pesquisadores/as de Universidades, gestores/as públicos/as, representantes de movimento social e sindicalistas.

### **Resultados e discussões**

As agricultoras pesquisadas neste estudo de caso, vivenciaram melhorias de suas vidas nos últimos 12 anos dos governos Lula e Dilma, quando acessaram políticas de erradicação da fome e de enfrentamento à pobreza extrema, como por exemplo, o Programa Bolsa Família, o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar –PNAE.

Apesar da existência destes programas, estas mudanças resultaram também das ações desenvolvidas pelo Sabiá e pela CMN. As mulheres entrevistadas citaram a chegada da CMN e Sabiá como acontecimentos relevantes para suas vidas. Reforçam o fato de que seus pais e avós “fizeram a vida” na agricultura, e elas, portanto, já eram agricultoras bem antes destas organizações chegarem em suas comunidades. Com a chegada da CMN e do Sabiá “melhoraram o jeito de fazer agricultura e de pensar sobre a vida”. Elas relatam que seu contato inicial com o Sabiá se deu através das



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



questões produtivas e com a transição agroecológica. A Casa da Mulher do Nordeste entrou na vida da maioria das mulheres a partir da realização de capacitações em gênero e formação de mulheres lideranças. As agricultoras destacaram as discussões sobre a divisão sexual do trabalho e oficinas de produção agroecológica.

A primeira grande mudança proporcionada à agricultura familiar pela CMN e Sabiá está relacionada ao fortalecimento que ambas proporcionam à organização social. O que é refletido na formação e/ou revigoramento das associações e cooperativas numa perspectiva de fortalecimento dos aspectos produtivos e econômicos, tanto no âmbito das propriedades familiares como nas organizações coletivas.

O trabalho do Sabiá e CMN tem uma grande semelhança nas questões técnicas. Ambos fazem parte da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e partilham das mesmas ideias sobre a convivência com o semiárido. Assim, ambos trabalham com a agricultura familiar no sentido de fortalecer os estoques de água para diversos usos, inclusive produtivo, para aumentar e diversificar a produção de alimentos e seu armazenamento para a família e para os animais; e na estocagem de sementes para os próximos plantios. Trabalham aspectos técnicos como agricultura sem veneno; a prática da poda para sistemas produtivos mais complexos; a importância de não se queimar e as alternativas para tal; e o estímulo a criação de abelhas nativas; o estímulo a criação animal (caprino, ovino, bovino e aves) sem o uso de hormônios e rações feitas com produção local entre outras ações relacionadas a convivência com o semiárido.

Apesar de várias semelhanças, constata-se importantes diferenciais nas abordagens feminista e agroecológica das duas organizações, especialmente no que se trata da utilização de princípios, ferramentas e dinâmicas relacionados a aplicação de uma Metodologia feminista. Esta se propõe a ser geradora de Resultados positivos em termos de empoderamento das mulheres rurais no âmbito da perspectiva agroecológica e da luta pelos seus direitos enquanto mulheres rurais. Trata-se de instrumentos que, aplicados em conjunto, podem potencializar o trabalho de organizações, mistas ou feministas, que trabalham uma perspectiva contra hegemônica de sustentabilidade.

Uma análise mais detalhada do trabalho das organizações que adotam uma abordagem feminista permite perceber que há uma grande necessidade de se quebrar a forma binária na qual o senso comum ainda vislumbra a relação entre os âmbitos pessoal e político. Entender, por exemplo, a violência doméstica contra a mulher como um problema político a ser enfrentado para além do âmbito pessoal, identificando os fatores culturais e históricos que geram essa violência. Entretanto, muitas organizações mistas do campo agroecológico ainda não conseguem incorporar em seus mé-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



todos de trabalho essa perspectiva de integração, insistindo em uma virtual separação entre feminismo e agroecologia. Na prática esta separação conceitual admite que as mulheres continuem sendo oprimidas e excluídas parcial ou totalmente do processo de transição agroecológica.

Faz-se necessário considerar as mulheres sujeitos políticos importantes, e como tal, demandam uma intervenção diferenciada no trabalho com a família, entendendo-se as especificidades de cada um dos membros da família e as relações de poder ali existentes.

Outro aspecto importante a ser destacado quando se fala em uma abordagem feminista é a implementação de espaços de encontros com a participação exclusiva de mulheres que possibilitem a auto-organização das agricultoras. Trabalhadas principalmente por organizações feministas, a auto-organização funciona como um espaço de fortalecimento que empodera as mulheres, tornando-as protagonistas na luta e nas suas vidas. Isto resulta em melhor qualidade e maior frequência nas suas intervenções, seja no ambiente privado, seja no ambiente público. Esses espaços são importantes ferramentas para que as mulheres falem, reflitam e participem ativamente da construção do feminismo, proporcionando o entendimento de uma identidade política comum baseada em experiências individuais e coletivas (FERREIRA, 2008).

É importante que as organizações mistas se provoquem a entender quais são os prejuízos de não se trabalhar numa perspectiva de gênero com as mulheres, seja por falta de preparo interno seja por não dar prioridade a esta abordagem. É relevante o questionamento de que se ao optar por não trabalhar com a temática sob alegação de não “criar conflitos”, na realidade, estará se optando pela invisibilidade do trabalho feminino. Também é relevante questionar se essa opção ampliará as opressões que muitas sofrem no ambiente familiar. Dessa forma, discutir as opressões de gênero na zona rural ainda é tratado como um tabu para muitas organizações governamentais e não governamentais, mesmo aquelas que trabalham em uma perspectiva agroecológica com uma visão sistêmica.

Persiste entre algumas organizações a ideia de que é melhor não aprofundar o trabalho específico com mulheres, porque dessa forma estariam “instaurando o conflito onde não existe”. Também argumentam que isto poderia levar a uma interferência na vida privada. Consideram que não é seu papel interferir nas relações familiares. Porém ignoram que nos processos de transição agroecológica, a simples presença técnica já produz mudanças na organização familiar e na vida privada, mesmo que este processo ocorra com uma postura democrática de interação de saberes.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



Ao trabalhar a agroecologia, existe a possibilidade de uma nova perspectiva de vida se abrir para as mulheres: (i) passam a ter acesso ao dinheiro obtido pela comercialização de seus produtos; (ii) empoderam-se com as informações obtidas em atividades diversas de formação (intercâmbios, seminários, reuniões, encontros, etc), passando a se sentir mais capazes e a expressar suas opiniões; (iii) replicam o efeito e fortalecem outras mulheres; e, por fim, (iv) contribuem para mudanças positivas de suas famílias. Isso acontece com mulheres que são acompanhadas tanto por organizações mistas, como o Centro Sabiá, quanto por organizações feministas, como a CMN. Todavia, quando esse aprendizado vem aliado a uma perspectiva feminista, existe uma possibilidade maior que a mudança realmente altere as relações de poder nas famílias e na sociedade.

Em uma abordagem feminista, as questões culturais que oprimem as mulheres são questionadas. Valores culturais, como a necessidade de um chefe de família, são postos em xeque. Discute-se como se dá a dinâmica familiar, e o quanto e como a agricultora está envolvida em todo o processo produtivo e reprodutivo. Colocam-se em discussão as relações de poder existentes no interior das famílias, vindo à tona o quanto, na maioria dos casos, as mulheres estão na família em desigualdade de poder e envolvidas em relações opressivas.

## **Conclusão**

Tanto as organizações feministas como as agroecológicas têm trabalhado para permitir uma maior visibilidade do trabalho das mulheres no meio rural, bem como lutado para superar as desigualdades de gênero geradoras de diversas formas de violências no meio rural.

Constata-se que agroecologia abre espaços para que as mulheres agricultoras enfrentem sua condição de vulnerabilidade e conquistem mais poderes nas esferas pessoal, produtiva, familiar e política. Desde que estas tenham suas demandas respeitadas.

As análises decorrentes desse estudo de caso apontam que o engajamento de organizações feministas nos movimentos da agroecologia tem contribuído na ampliação do conceito de agroecologia para além das questões tecnológicas e ambientais, ressaltando sua dimensão social e de equidade de gênero. Ao mesmo tempo, as organizações feministas tem sido influenciadas pela discussão da sustentabilidade ambiental trazidas pela agroecologia, ampliando assim seus discursos e práticas nesse campo.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



O feminismo contribuiu para que as mulheres se fortalecessem (individualmente e coletivamente) e a partir das diversas reflexões vivenciadas, conseguissem aprofundar o questionamento em relação às desigualdades enfrentadas - e melhor evidenciadas com o início das práticas agroecológicas - desafiando o poder socialmente atribuído ao homem.

Com a abordagem agroecológica alterou-se a matriz produtiva nas suas terras, modificando o manejo e levando a diversidade. Ao se associar a perspectiva agroecológica a perspectiva feminista, as mulheres foram alcançando mais autonomia, opinando acerca de quais as plantas deveriam ser plantadas e logo acessaram o mercado com seus produtos; seja com a venda de produtos em feiras locais, seja com o acesso aos mercados institucionais. Neste sentido, a agroecologia vem ampliando o leque do “olhar político” do feminismo.

Um exemplo desta convergência está no fato das organizações feministas pautarem a questão das mudanças climáticas, dos produtos transgênicos, dos quintais produtivos e da segurança alimentar entre outros temas que originalmente pertenciam ao campo exclusivo da agroecologia. Temas como segurança alimentar e quintais produtivos enfrentaram uma significativa resistência por parte de setores feministas que em princípio os associavam a extensão do doméstico, reforçando um “lugar da mulher” nas cozinhas, e conseqüentemente as responsabilidades delas sobre o preparo dos alimentos.

A aproximação entre as organizações feministas e agroecológicas tem permitido às organizações feministas aprofundar a análise sobre a importância histórica das mulheres nessas temáticas e o quanto elas têm a contribuir na construção desse conhecimento por uma condição social e cultural. Há hoje no movimento feminista uma compreensão de que, a partir do trabalho da agroecologia, é fundamental que esse conhecimento venha à tona. É fundamental que esta construção histórica seja apropriada pelas mulheres, e que assim, elas ganhem mais força. Com isso, o olhar feminista deverá destacar as contribuições das mulheres para a agroecologia (AVILA, 2007).

Esse ânimo de aproximação, embora tenha trazido diversos Resultados positivos, ainda demanda certa “vigilância e insistência” dos movimentos de mulheres para que esta convergência se aprofunde. Percebe-se que o maior esforço de aproximação entre essas duas abordagens (agroecológica e feminista), na maioria das vezes, partiu dos movimentos de mulheres e organizações feministas, e ainda se verifica certa resistência por parte dos movimentos agroecológicos com relação a esta aproximação.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



É preciso garantir novos avanços sem retrocessos, e que os direitos e conquistas das mulheres alcançadas nos últimos anos não sejam expropriados delas, pelos homens, pelas indústrias, pelo capitalismo, por um sistema todo, como tantas outras coisas já foram. A inserção da abordagem feminista em processos agroecológicos pode contribuir para o fortalecimento das mulheres rurais.

### Referências bibliográficas

AVILA, M. B. Divisão Sexual do trabalho: Desafio para a Agroecologia. In: SILVA, C. **Encontros Possíveis: Feminismo e Agroecologia**. 1ª. ed. Recife: SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia, 2007.

FERREIRA, A. P. **La importancia de la perspectiva feminista en el empoderamiento de las mujeres campesinas**. Universidad de Córdoba e Universidad Internacional de Andalucía. [S.I.]. 2008. Master en Agroecología sob la dirección de Emma Siliprandi e Angel Calle.

SILIPRANDI, E.; CINTRÃO, R. As mulheres agricultoras e sua participação no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). In: BUTTO, A.; DANTAS, I. **Autonomia e Cidadania: Política de Organização Produtiva para as Mulheres no Meio Rural**. 1ª. ed. Brasília: MDA, 2011.